

A CONFIGURAÇÃO ESPAÇO-TEMPORAL DA BASE AÉREA DE IGARAPÉ-AÇU (PA): A IMPORTÂNCIA GEOPOLÍTICA E SEU REFLEXO LOCAL, NACIONAL E MUNDIAL

Felipe Ferreira Moreira¹

Antônio de Pádua de Mesquita dos Santos Brasil²

João de Souza Barros Filho³

Valter Pinheiro da Costa⁴

Resumo. Este artigo tem por objetivo principal, denotar a importância geográfica da base aérea/estação de operação de "blimps" ou "zeppelins" construída durante o contexto da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), no município de Igarapé-Açu/PA. No passado a base aérea representou toda uma conjuntura geopolítica de cunho militar, onde o Brasil encontrou-se em meados de 1943 alinhado aos Aliados, particularmente aos EUA, configurando uma espacialização característica e extremamente simbólica da geopolítica/geoestratégia que marcou o período em questão. Com o passar das décadas, após ser desativada para a sua função inicial, a base sofre uma variação enorme de usos e ocupações em Igarapé-Açu, refletindo os mais diversos ideários no espaço/tempo da atualidade e de outrora.

Palavras-chave: Base Aérea; Geopolítica; Igarapé-Açu.

La configuración espacio-tiempo de la base aérea del Igarapé-Açu (PA): la importancia geopolítica y su reflejo local, nacional y mundial

Resumen. Este artículo se dedica principalmente, denotan la importancia geográfica de la base aérea/estación del operador de "blimps" o "zeppelins" construidos en el contexto de la Segunda Guerra Mundial (1939-1945) en el municipio de Igarapé-Açu/PA. En el pasado la base aérea representó una situación geopolítica de toda índole militar, donde Brasil se reunió a mediados de 1943 en consonancia con los aliados, en particular los EE.UU., el establecimiento de una característica y muy simbólica del espacio geopolítico/geoestrategia que marcó el período. Durante décadas, después de estar fuera de su propósito original, la base sufre una enorme gama de usos y ocupaciones en Igarapé-Açu, reflejando las más diversas ideologías en el espacio/tiempo presente y pasado.

Palabras-Clave: Base Aérea; Geopolítica; Igarapé-Açu.

¹ Licenciatura plena em Geografia, pela Universidade do Estado do Pará (UEPA).

² Mestre em Planejamento e Gestão Ambiental pela Universidade Católica de Brasília (2007). Atualmente é professor assistente II da Universidade do Estado do Pará - UEPA.

³ Licenciatura plena em Geografia, pela Universidade do Estado do Pará (UEPA).

⁴ Licenciatura plena em Geografia, pela Universidade do Estado do Pará (UEPA).

Introdução

A geopolítica assumiu inúmeras faces no Brasil e no mundo ao longo dos períodos históricos, sendo utilizada como ferramenta teórico-estratégica fundamental para planejamentos e ações efetivas dos mais diversos Estados-Nação. Alianças, acordos e tratados militares entre os países sempre foram fomentados para interesses não apenas bélicos, mas também para apropriação e, se possível, domínio de áreas territoriais que interessavam por seus recursos econômicos e políticos, criando um cenário mundial permanente de choque de interesses entre países e seus respectivos aliados.

O cenário de conflito generalizado a nível global, gerado pela Segunda Guerra Mundial (1939-1945) levou os chamados países Aliados (EUA, Reino Unido, URSS, França, etc.) a buscarem localidades ao redor do globo que apresentassem posicionamentos estrategicamente eficientes na luta contra os países do Eixo (Alemanha, Itália, Japão). Neste contexto, o Brasil de Getúlio Vargas aparece em meados de 1943 alinhado aos Aliados, particularmente aos EUA, frente às aspirações nazi-fascistas no conflito.

A imensa costa brasileira atlântica e o torpedeamento de navios brasileiros por submarinos da Alemanha nazista foram elementos fundamentais para uma grande cooperação militar entre os governos estadunidense e brasileiro, gerando a instalação de três bases militares de operações de ~~zeppelins~~ zeppelins no Norte e Nordeste do país. Especificamente, os Estados brasileiros que receberam tais bases foram os do Amapá, Pernambuco e Pará, devido a questões estratégico-militares, onde o posicionamento era fundamental no auxílio as tropas que iam ao conflito e na própria defesa da soberania territorial do Brasil.

No Pará, a base aérea foi instalada na cidade de Igarapé-Açu, que se situa na Mesorregião Nordeste Paraense, microrregião da Zona Bragantina, cortada, à época, pela Estrada de Ferro Belém-Bragança. Segundo Dutra (2011, s/p) fatores como a presença desta ferrovia, posicionamento geográfico e climático ideal e acesso mais facilitado à capital do Estado, favoreceram a implantação da base no município, configurando uma espacialização característica e extremamente simbólica da geopolítica que marcou o período em questão.

Com o passar das décadas, após ser desativada para a sua função inicial, a base sofre uma variação enorme de usos e ocupações, sendo um marco de todo um período geoestratégico/geopolítico. Nesse sentido, perpassando por uma análise geotemporal, este artigo tem por objetivo, com devida fundamentação teórica, denotar a importância geográfica da base aérea/estação de operação de ~~blimps~~+ou ~~zeppelins~~+no município de Igarapé-Açu no passado e também com vistas ao presente, através de metodologia que compreendeu uma abordagem qualitativa, por meio de consultas bibliográficas, técnicas de campo com orientação analítico-descritiva, mediante entrevistas não-estruturadas de caráter informal e registros fotográficos.

Geopolítica: algumas abordagens gerais

Segundo Andrade (2001, p.7) a geopolítica clássica tem por meta fundamental traçar um recorte analítico da ciência geográfica com ênfase no Estado-Nação, principalmente nos âmbitos da extensão territorial, do quesito populacional e da sua posição geográfica, com as ideologias centrais articuladoras do estímulo e provocação de objetivos expansionistas e beligerantes nos planos internos e externos de um país. Fica claro que o saber geopolítico propõe-se aos governantes como um necessário conhecimento de cunho militar para se conhecer o território e suas potencialidades, traçar estratégias, reforçar fronteiras para uma possível ameaça externa, etc.

Sendo alvo de debates por seu papel nitidamente ligado ao poder estatal-militar que adquiriu ao transpassar dos séculos, a geopolítica habitualmente ao longo da formação da ciência geográfica foi considerada por muitos como ramificação da Geografia Política. Entretanto, a própria geografia política por vezes reivindicou a distinção e maior cientificidade em relação ao campo geopolítico do conhecimento:

A geopolítica é um saber engajado, comprometido com um pensamento e com objetivos políticos; embora analisando o Estado como produtor de um espaço, ela não tem um rigoroso critério científico. A geografia política, ao contrário, é um dos enfoques da ciência geográfica no qual se estudam a distribuição dos Estados pela superfície da terra, o problema do estabelecimento de fronteiras e os tipos de organização do território a que eles dão origem (ANDRADE, 2001, p.9).

À discussão conceitual da geopolítica somam-se também outras terminologias de ênfases nos aspectos militaristas, como geoestratégia, que de acordo com Vesentini (2003, p.160) subordina-se à geopolítica, abordando a dimensão espacial e geográfica da estratégia, dando suporte na coordenação das táticas e objetivando alcançar as metas pré-estabelecidas de uma guerra. Tais recortes analíticos são indispensáveis para o maior entendimento histórico-conceitual dos interesses que permearam os países principalmente no século XX, apropriados pelos militares brasileiros como arcabouço teórico para a implementação de políticas territoriais que viriam a marcar o Brasil e o mundo, refletindo diretamente no contexto socioespacial amazônico.

De fato, as concepções clássicas de geopolítica supracitadas começam a se materializar intensamente na região amazônica com o clima de conflito geral que se formava no mundo por ocasião da extrema tensão armada que se instaura na década de 1930, principalmente na Europa. Ainda pouco povoada à época e sendo considerada um *espaço vazio* na concepção de muitos governantes brasileiros, a Amazônia suscita maior atenção por parte do então presidente Getúlio Vargas (1930-1945), pois atrai neste cenário global de guerra olhares de potências imperialistas, forçando a tomada de atitudes militaristas mais enérgicas.

De acordo com Nascimento (2009, p.9) o processo histórico de militarização Amazônica do século XX, que começara em 1909 com a criação do CMAⁱ (Comando Militar da Amazônia), tem novo reforço com as transformações político-institucionais angariado pela Era Vargas na construção de um aparelho estatal burocrático de face modernizadora. Ainda segundo o autor o clima ameaçador para a integridade nacional da guerra que estava por vir, encontraria justificações, pois:

Num documento secreto de 1936, assinado pelo coronel Francisco Gil Castello Branco, afirmava-se que a Amazônia, no contexto da situação de beligerância que circundava o mundo, tornava-se alvo predileto da conquista pelas potências imperialistas (Inglaterra, Japão, França) e exorta as autoridades para criarem uma forte organização militar para defendê-la (ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO *apud* NASCIMENTO, 2009, p.9).

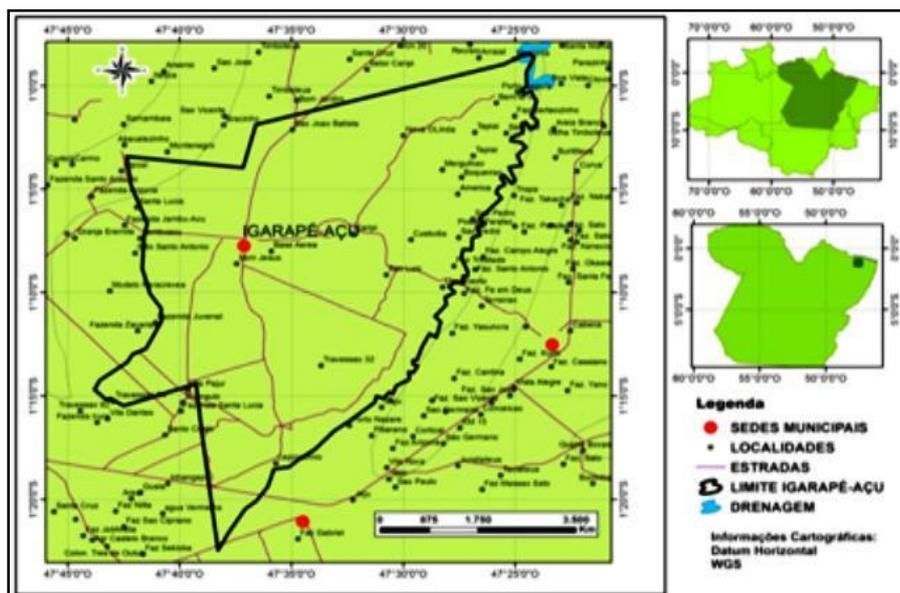
É nesta configuração espacial de âmbitos nacional/internacional que a Amazônia irá assumir um protagonismo deveras relevante, onde um novo processo político-militar irá atingir o até então desconhecido município de Igarapé-Açu. Este acaba por se inserir

na concepção geopolítica em voga até então, na qual Vesentini (1986, p.61) afirma que os discursos tornam-se inseparáveis dos projetos de ação do poder político, procurando legitimar os interesses ideológicos de um Estado nacional na reorganização dos mais diversos ambitos socioespaciais.

Seja na elaboração de diretrizes a serem colocadas em prática no nível de acordos diplomáticos entre países como Brasil e Estados Unidos, como se viu na Segunda Guerra Mundial, seja na definição de arranjos espaciais como se viu Igarapé-Açu, a intervenção governamental que se materializou na região através da implementação da base aérea carregou e carrega significações espaços-temporais que nos ajudam a desvelar o significado de toda uma conjuntura que atingiu instituições e ideários que se revelaram do global ao local.

Igarapé-Açu e a base aérea

Estatisticamente, o município de Igarapé-Açu (mapa 01) contou com aproximadamente 19.489 (dezenove mil quatrocentos e oitenta e nove) habitantes no ano de 2000, aumentando para 21.207 (vinte e um mil duzentos e sete) domiciliados em 2010 (BRASIL, 2010). Além da sede municipal, o município possui 43 (quarenta e três) colônias agrícolas interligadas à sede. Essas colônias possuíam 12.911 (doze mil novecentos e onze) habitantes em 2000, obtendo um crescimento para a margem de 14.680 (quatorze mil seiscentos e oitenta) pessoas em 2010 (BRASIL, 2010).



Mapa 01: Mapa do Município de Igarapé-Açu. **Fonte:** Os autores (2014)

O município localiza-se na chamada mesorregião nordeste paraense, zona bragantina, a 113 quilômetros da capital do Estado, Belém, e segundo Freitas (2005, p.74) foi escolhido por proporcionar condições geográficas e meteorológicas consideradas ideais para pouso e decolagem de dirigíveis, além de já estar ligada à capital por rodovia e pela Estrada de Ferro Belém-Bragança (EFB). A materialização espaço-temporal da base aérea de Igarapé - Açú esteve diretamente relacionada ao grande evento bélico mundial do final da primeira metade do século XX e a aliança Brasil e Estados Unidos, pois:

O governo brasileiro, juntamente com o governo norte-americano, preocupados com os nazistas em pôr a pique (naufragar) navios brasileiros, decidiram elaborar um plano que pudesse dar maior segurança ao continente americano. Entre as medidas adotadas, uma era a construção de três estações (bases) de operação de blimps ou zepelins, uma no estado do Amapá, outra no estado de Pernambuco e a terceira no estado do Pará, sendo esta em Igarapé- Açú, localizado na zona bragantina, aproximadamente 113 Km de Belém. (FREITAS, 2005, p.75).

No período da Segunda Guerra Mundial, o mundo passava por diversas turbulências, principalmente de ordem política. As forças que disputavam o comando e o futuro do planeta estavam divididas entre os Aliados (EUA, Inglaterra e França) e os países do Eixo (Alemanha, Itália e Japão), permeadas pela ideia de conquista de território como ascensão. Nesse cenário geopolítico, a tecnologia que cada um dispunha era posta em xeque perante seus antagonistas, pois a expansão territorial e a soberania se manifestavam na ideologia de superar os inimigos e alcançar aspirações que perspectivassem certo domínio político, territorial e populacional em várias porções do planeta.

Neste contexto, Cambeses Júnior (2009, p.7) Ressalta que um mês após o rompimento diplomático do Brasil com as potências do eixo em 28 de janeiro de 1942, começou o torpedeamento de navios brasileiros em mares estrangeiros e que a cada momento os ataques de submarinos se aproximavam da costa brasileira. Portanto, a necessidade de vigilância pela Força Aérea contra a presença de inimigos tornava-se indispensável. A FAB (Força Aérea Brasileira) criada no período do conflito bélico mundial

assumiu, um ano e meio após sua formação, a difícil missão de patrulhar a costa brasileira, tarefa que teria que desempenhar com segurança e perícia, apesar de ser uma instituição jovem e sem equipamentos aéreos adequados para combate.

Cambeses Junior (2009, p.7) discorre ainda, que a implantação de um maior número de bases aéreas ao longo do litoral brasileiro foi uma das intenções do Ministério da Aeronáutica após a sua criação, em janeiro de 1941. A finalidade era reforçar o patrulhamento aéreo. Apesar de existirem algumas bases em outras regiões, o Norte e Nordeste do país eram prioridades, pois as únicas bases aéreas existente nessas regiões encontravam-se, respectivamente, em Belém do Pará e Fortaleza. A intenção estadunidense de consolidação de seu domínio no continente sul-americano, incidiu na decisão de auxiliar o governo brasileiro para que implantasse bases e estrategicamente defendesse essa região do Atlântico das investidas nazistas.

De acordo com Dutra (2011, s/p), a concessão das bases brasileiras aos estadunidenses incidiu num momento de dificuldade de abastecimento dos Aliados (Inglaterra e URSS). Nesse período, os EUA estavam alheios à guerra, com a Europa quase toda ocupada pelos nazistas, além do norte da África. Havia o receio por parte dos EUA de os alemães, a partir da África Ocidental, usarem a região nordeste do Brasil, e via Guianas, atingir a América do Norte.

O Brasil tinha seus interesses - aparelhamentos para o exército nacional, bem como o financiamento para a construção da Companhia Siderúrgica Nacional em Volta Redonda no Rio de Janeiro - e a pressão estadunidense foram determinantes para que o Brasil permitisse a utilização das bases ao longo do litoral norte-nordeste brasileiro. As decisões que o Brasil teve que tomar durante a Segunda Guerra, refletiram na segurança nacional e a estabilidade de suas relações exteriores. Tais deliberações levaram a formação de um quadro onde ocorreram importantes mudanças no campo da Geopolítica brasileira, haja vista, os interesses externos, além do econômico, girarem em torno da localização estratégica do território brasileiro e sua utilização durante o conflito mundial.

Apesar de o Brasil estar vivendo um período de regime político ditatorial, durante a implantação do Estado-Novo (1937-1945), e possuir em seu território colônias alemãs e italianas, o que poderia favorecer a aliança com os países do eixo, as relações econômicas feitas com os Estados Unidos tornaram-se fatores e decisivos para tomada da posição junto aos países aliados (CARRARA, s/d).

Com os ataques nazistas e o alinhamento com os Estados Unidos, o Brasil entra na guerra e permite a instalação de três bases de dirigíveis no Amapá, Pará e Pernambuco, em versão bélica, no período de 1943 a 1945. Neste contexto belicista, a Base Aérea de Igarapé-Açu foi essencial para ajudar no patrulhamento não só do litoral norte-nordeste brasileiro, mas também por monitorar através de dirigíveis conhecidos como *zeppelins* e/ou *blimps* (Fotografia 01), a foz do rio Amazonas e a entrada da região (DUTRA, 2011, s/p).



Fotografia 01: Um "Blimp" e sua torre. **Fonte:** Acervo pessoal de Manuel Dutra

Freitas (2005, p.75) argumenta, dizendo que o ponto ideal da base aérea em Igarapé-açu foi escolhido a partir de características que favorecessem as atividades de decolagem e pouso das aeronaves, bem como a facilidade de acesso por vias terrestre à capital Belém do Pará, logo:

A opção feita por Igarapé-Açu deu-se em função de apresentar boas condições geográficas e meteorológicas, e principalmente, por se tratar de uma cidade com 50 metros de altitude, sendo esta a altitude máxima da microrregião bragantina, com amplas facilidades de pouso e decolagem para as aeronaves. Outro fator importante foi a de estar ligada a Belém através da estrada de ferro e rodovia (FREITAS, 2005, p.75).

Em termos de estrutura, a Base Aérea contava com uma casa central que, através de balões coloridos sinalizavam e monitoravam o pouso e a decolagem. Havia três pistas, com destaque para a de forma reta que servia para pouso e decolagem (ainda existe) e duas de forma circular que servia para fazer a manutenção e abastecimento dos dirigíveis. Este último serviço era interligado por tubulações subterrâneas de uma das torres que ficava no centro de uma das pistas à casa de manutenção. Foram construídos cinco prédios para alojamentos dos militares, restaurante, serviços burocráticos, cassinos e uma casa de manutenção, além de guaritas e paióis para armazenar materiais bélicos.

A presença estadunidense no município foi de grande relevância, pois modificou não apenas a sua paisagem, mas trouxe consigo toda uma reconfiguração espacial no seu entorno, colocando o Nordeste paraense como mais uma peça no imbricado cenário geopolítico da época. Apesar do curto período de existência, a presença da Base Aérea demonstrou toda uma política imperialista que ao longo das décadas foi se espacializando nas mais diversas faces, de intervenções diretas nos moldes das ocupações militares até as penetrações territoriais mais sutis, como acordos bilaterais entre países, não raros permeados de intimidação através de demonstrações de força por parte das grandes potências.

A presença da extinta Base Aérea apenas reforça Igarapé-Açu como um município que tem um peso simbólico no desdobramento da configuração do território nordeste paraense e, portanto detentor de rugosidades que revelam um passado significativo e decisório na formação da paisagem atual com mudanças sociais, políticas e econômicas ocorridas durante as décadas de sua materialização espaço-temporal. Santos (2006, p.62) trabalha amplamente com o conceito de rugosidades, sobre as quais explana:

Chamemos rugosidade ao que fica do passado como forma, espaço construído, paisagem, o que resta do processo de supressão, acumulação, superposição, com que as coisas se substituem e acumulam em todos os lugares. As rugosidades se apresentam como formas isoladas ou arranjos. É dessa forma que elas são uma parte desse espaço-fator. Ainda que sem tradução imediata, as rugosidades nos trazem os restos da divisão do trabalho já passada (todas as escalas da divisão social do trabalho), os restos dos tipos de capital utilizados e suas combinações técnicas e sociais com o trabalho.

Tal afirmativa é vislumbrada fortemente através dos atuais usos e significados adquiridos pela Base Aérea. Às margens da rodovia PA-242, a área no entorno da Base Aérea se tornou alvo de ocupação espontânea e desordenada formando um aglomerado que hoje se tornou um bairro da cidade de Igarapé-Açu, contribuindo para o dinamismo do espaço urbano da mesma, em conjunto com a estrutura interna da Base Aérea que abriga todo um arcabouço de formas e funções bem diferentes dos interesses meramente belicistas.

A base aérea e sua espacialização atual

O Sr. Arquimedes, Diretor da unidade local da Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA), relata que a área da Base Aérea está atrelada a Fazenda Escola de Igarapé-Açu (FEIGA) /UFRA desde 1998 através de convênio com a Aeronáutica. No entanto, não se tem informação da validade desse acordo (verbal). Existe um trâmite para que de fato a área possa ser desapropriada e anexada a UFRA que no momento dispõe apenas de uma tutela informal.

Depois de desativada oficialmente, o espaço serviu para as atividades de alguns moradores, principalmente de subsistência. Arquimedes complementa:

Essa área, após a desativação passou a ser ocupada por agricultores, onde os mesmos cultivam os produtos de subsistência e também a horticultura. Mais recente, esses agricultores tiveram o apoio do Programa Pará Rural do Governo do Pará e de outras instituições para desenvolverem tais atividades (ARQUIMEDES/UFRA, extraído da entrevista em 2013).

Segundo Arquimedes, o senhor Nara e seu filho Aloísio residem a dez anos no local e trabalham com horticultura (Fotografia 02) no espaço atual da Base, onde cada alojamento é ocupado por uma família e que os moradores não têm nenhuma relação formal com a UFRA. Esses moradores conseguiram manter a ocupação do local juntamente com alguns familiares e amigos adequando o espaço às suas necessidades e também alcançando certa estabilidade em relação à horticultura, conseguindo desta forma manter o equilíbrio econômico da família e a continuidade de atividades.



Fotografia 02: Horticultura desenvolvida pelos moradores da base aérea. **Fonte:** os autores (2014)

Os moradores que ocupam a área têm esperança de que um dia a mesma lide seja repassada, apesar de segundo o Art. 193 da Constituição Federal afirmar que as terras da União não tem usucapião, ou seja, podem ser usadas até que a União necessite da área. Partindo desse princípio, os moradores podem explorar a área à sua maneira, contudo estão cientes de que um dia poderão se retirar do local.

A pista de pouso reta (Fotografia 03) continua no mapa regional como espaço a ser usado pelas aeronaves de pequeno porte. Inclusive, continua ativa, não com a mesma estrutura, mesmo assim é usada por militares e autoridades políticas do Estado quando vêm ao município. Um dos pedidos da Aeronáutica à UFRA foi que se mantivesse a conservação da pista para possíveis pousos e decolagens.



Fotografia 03: Pista de pouso reta da base aérea. **Fonte:** Os autores (2014)

Arquimedes relata:

O pouso de aeronaves deverá ter permissão do responsável local da UFRA para que ocorra dentro das normalidades. No entanto, existem casos em que pessoas usam o espaço sem a devida autorização, ou por não conhecerem os procedimentos ou por necessidades de momento infringem as determinações locais, pois, não existe nenhuma comunicação com o comando aeronáutico em Belém (ARQUIMEDES/UFRA, extraído da entrevista em 2013).

Para que a pista de pouso permaneça em condições de uso, é feito a roçagem com um trator que percorre toda a extensão em ambas laterais da pista. Daí o perigo de não se saber o momento em que se pode efetivar o pouso, pois para este procedimento é necessário que a pista esteja vazia, sem nenhuma máquina ou pessoa em sua extensão e no seu entorno. A Base Aérea de Igarapé-Açu dispõe de uma pista de pouso bastante peculiar. De acordo com políticos e empresários da região, em um raio de 100 km não existe uma pista com capacidade de pouso e decolagem como a de Igarapé-Açu. Outro fator importante é a distância da capital do Estado que fica em torno de 113 km.

Devido à possibilidade de Belém ser uma das sedes dos jogos da copa do mundo de 2014, cogitou-se a necessidade de usar o espaço como alternativa para o fluxo de aeronaves na região. Esse processo se daria pelo repasse da área diretamente da

Aeronáutica para a prefeitura local com intermédio da UFRA, detentora provisória de sua tutela. Porém, na época o gestor local não mostrou nenhum interesse e com inúmeras justificativas perdeu a chance de receber infraestrutura e uso adequado da área.

A Base Aérea após ser desativada, não teve a importância que outros locais históricos do município tiveram, pelo menos no âmbito de preservação. O local ficou em completo abandono (Fotografia 04), não foi feito nenhum projeto para que fosse revitalizada e com isso se tornasse atração turística para Igarapé-Açu e para o Pará, logo, sendo ignorado seu potencial enquanto rugosidade que faz parte de um contexto histórico da humanidade, a Segunda Guerra Mundial, correndo o risco de ser esquecida.



Fotografia 04: Prédios da base aérea em ruínas. **Fonte:** Os autores (2014)

De acordo com o Sr. Arquimedes, a UFRA não disponibiliza cursos para o município, a mesma oferece o espaço apenas como campo experimental. Mas na possibilidade de oferta de cursos no município, poderia usar a estrutura para desenvolver as atividades, haja vista que, para que os prédios (hoje a maioria em ruínas) se tornem aptos a receber quaisquer atividades deveriam passar por um processo de reforma e revitalização.

O Sr. Arquimedes afirma que existe em posse da unidade local da UFRA apenas um mapa da área da Base Aérea. Não existe nenhum documento que esclareça todo o procedimento de aquisição, instalação da base e também sobre a desativação da mesma. Acrescenta ainda um dado curioso: há a possibilidade de não ser coincidência a UFRA estar localizada ao lado da base, visto que, o governo brasileiro tinha interesse em monitorar as atividades dos estadunidenses no norte do país, o que demonstra a situação

de tensão na época e uma geopolítica importante de alinhamento, sendo, contudo, necessário saber o que ocorria no território nacional.

O Sr. Júlio Vaz, morador de Igarapé-Açu, hoje com 90 anos, recebe aposentadoria pelos serviços prestados durante a estadia americana em solo igarapeaçuense. Na época vendia polpa de frutas e doces, principalmente para os passageiros do trem que cruzava o município de leste-oeste e vice-versa pela Estrada de Ferro Belém-Bragança (EFB), então maior meio de transporte da região. Igarapé-Açu, por ser considerada metade do itinerário, servia de ponto de almoço para os passageiros.

Por ser uma pessoa muito carismática e ter um perfil que agradava aos estadunidenses (branco de olhos azuis) foi contratado para trabalhar como copeiro. O Sr. Júlio Vaz revela: %Auxiliava em outras atividades devido à liberdade juntos aos militares, inclusive em ajudar a atracar os zepelins na torre, bem como estreitar a relação de convivência dos americanos com a população local+.

A tensão e o medo ficavam explicitados a partir do momento em que militares estadunidenses começaram suas atividades de patrulhamento partindo em direção ao litoral (Salinas). Daí a importância do Sr. Júlio Vaz ao intermediar a relação com a comunidade, devido sua facilidade em dialogar com as pessoas, cativadas como seu jeito carismático.

Segundo relatos do Sr. Júlio Vaz, a sociedade da época depois se mostrou bastante recíproca, o que facilitou o trânsito dos militares estrangeiros na cidade quando os mesmos queriam se divertir em momento de folga. Um fato importante é que por meio da base de Pernambuco vinham bandas de músicas que se apresentavam e animavam as festas no local.

Falar da Base Aérea sem citar o Sr. Júlio, deixaria um vazio de informações, pois suas contribuições são essenciais para se desenvolver uma pesquisa mais aprofundada, sendo um munícipe icônico que vivenciou por durante quase dois anos o cotidiano dos militares estadunidenses. Familiares pretendem criar um museu contando a história da Base Aérea e principalmente homenagear o Sr. Júlio. Entretanto, eles (e todos os munícipes) desejam que as autoridades competentes incentivem e se comprometam de forma mais ativa com o rico patrimônio histórico-cultural, através de convênios e demais procedimentos para materializar tal processo. O ideal para a maioria seria um museu no local, e neste, uma homenagem ao ilustre igarapeaçuense, memória viva da época.

Considerações finais

Diante do explorado, não podemos omitir que a Base Aérea de Igarapé-Açu na época da Segunda Guerra Mundial representou um símbolo influente do poder hegemônico estadunidense, pois ao contrário do que muitos pensam, a atitude do governo brasileiro em permitir a instalação de base militar norte-americana em seu território não se limitou, tão somente, numa relação de negócios, mas se caracterizou em ação política de domínio territorial, uma forma de demonstração de seu papel soberano, interesseiro e ambicioso de influência global.

Em meio a esse intrincado cenário geopolítico, Igarapé-Açu surgiu como um ponto articulado que sustentou a engrenagem bélica estadunidense na busca de sua consolidação tanto no *front* de batalha enfrentando os nazistas, quanto geopolítico, em um processo de expansão da sua influência na América Latina. Assim, no passado, a Base Aérea teve sua importância na maior batalha bélica da humanidade, e hoje, com inúmeros interesses, ainda pode ser considerado um destaque de um passado ainda pouco explorado e preservado na região.

A Base aérea de Igarapé-Açu representou uma integração a uma totalidade espacial que se formou na época dentro de um imbricado de relações que a integraram definitivamente a um palco mundial, visto que, os processos político-militares angariados pelos agentes hegemônicos e hegemonzados refletiram os mais diversos ideários no espaço/tempo de outrora, que podem ainda serem externalizados e visualizados.

Referências

ANDRADE, Manuel Correia de. **Geopolítica do Brasil**. Campinas: Papirus, 2001.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico** - 2000. Disponível em <www.ibge.gov.br> Acessado em 5 de Abril de 2014.

CAMBESES JUNIOR, Manuel. **A participação da Força Aérea Brasileira na II Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: INCAER . Instituto Histórico-Cultural da Aeronáutica, 2009.

CARRARA, Adriano. **Grandes batalhas da Segunda Guerra Mundial: A maior guerra da história**. N.01, Editora Escala, s/d.

DUTRA, Manuel. **Os zeplins de Igarapé-Açu**: Histórias de ontem e de hoje. Blog de Manuel Dutra: Jornalismo, ciência, ambiente, 15 de Abril, 2011. Disponível em

<<http://blogmanueldutra.blogspot.com.br/2011/04/os-zepelins-de-igarape-acu-historias-de.html>>
Acessado em 10 de Maio de 2014.

FREITAS, Aluizio Moraes de. **Memória de Igarapé-Açu**. Belém: Gráfica Supercores, 2005.

NASCIMENTO, Durbens Martins. Geopolítica e forças armadas na Amazônia: Desafios políticos e institucionais para a defesa no século XXI. **Paper do NAEA**, n. 241, p. 1-16, Out. 2009.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: Técnica e tempo, razão e emoção**. 4. Ed. 2. Reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

VESENTINI, José William. **Nova ordem, imperialismo e geopolítica global**. Campinas: Papyrus, 2003 (Coleção Papyrus Educação).

_____. **A capital da geopolítica**. São Paulo: Ática, 1986.

Recebido em Abril de 2016.

Publicado em Julho de 2016.

ⁱ De acordo com Nascimento (2009, p.9): "Esse comando parece encerrar a trajetória da construção dos fortes à moda dos primeiros séculos de ocupação portuguesa, sendo que "na visão de Mattos [1990, p. 100], os fortes construídos ao longo dos séculos XVII, XVIII e XIX, mesmo os que não foram utilizados pela Coroa Portuguesa nas batalhas para defender o Brasil na parte Norte, serviram para uma estratégia dissuasória de enorme valor simbólico".